

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

TIPOGRAFIA SOCORRO
FABRICA DE CARIMBOS
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 202 — Domingo, 21 de Abril de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

OS ESTALEIROS DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO construíram no ano de 1956

embarcações num total de 4.127 toneladas

O estabelecimento da indústria da construção naval na nossa terra data dos primeiros tempos da fundação da vila, tendo sempre desempenhado, com maior ou menor relevo, um papel importante na economia local. Embora tenha atravessado, por diversas vezes, períodos graves de crise, como natural consequência das faltas de pesca que periodicamente se observam, nunca paralisou a sua actividade, nem — facto que importa sobretudo acentuar — deixou de melhorar, progressivamente, o seu nível técnico. Dos antigos «calafates de ribeira» aos actuais construtores, a fama dos técnicos de construção naval de Vila Real de Santo António, foi sempre merecedora de justos encómios, e as unidades que todos os anos saem dos nossos estaleiros, desde o vulgar bote às traineiras e outras embarcações de maior tonelagem, constituem os melhores testemunhos do seu excelente trabalho. cremos, mesmo, que, com um pouco mais de iniciativa, a sua situação poderia ser muitíssimo superior àquela de que disfruta presentemente. Depois de alguns anos de declínio, com uma acti-



Um aspecto dos estaleiros desta vila

vidade que pouco além ia do arranjo e reparação da nossa frota pesqueira, os estaleiros desta vila tiveram um surto animador de actividade, a que, como não podia deixar de ser, não foi estranho o aumento da pesca em toda uma vastíssima zona costeira e o consequente desenvolvimento da frota necessária para ir buscar ao mar a sua imensa riqueza — encontrando-se, presentemente, os nossos estaleiros apetrechados de forma a atender, nas

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

A FROTA BACALHOEIRA PORTUGUESA

MODOS nós temos um dever a cumprir para com esta terra bendita que nos viu nascer, pois todos lhe somos igualmente devedores de imensos benefícios, a que só poderemos corresponder com a nossa fidelidade às tradições da Raça Lusitana. Há

portugueses que merecem toda a nossa consideração, todo o nosso carinho, pela forma heróica como cumprem a sua missão para com a Pátria. Precisamente, por ser oculta e difícil a sua tarefa, podem e devem ser recordados com emoção.

E' sempre com a mesma saude que vemos esses bons filhos do mar, que se preparam para uma tarefa nobre e digna, a tarefa de dar-nos um alimento de que tanto precisamos, um alimento que entrou tão profundamente nos hábitos portugueses. Referimo-nos, como é óbvio, aos pescadores do bacalhau. Estes homens rudes, na aparência, mas de coração e alma grandes, vão todos os anos arrostar com todos os perigos do mar e com todas as dificuldades que lhes são inerentes, para poderem trazer para Portugal esse peixe que é toda a sua riqueza, esse peixe que virá a constituir um prato tradicional em tantos milhares de lares portugueses.

Uma vez mais, como se tem feito de vinte anos a esta parte, celebrou-se a bênção da frota bacalhoeira. Quem deixaria de sentir-se comovido até às lágrimas, ao assistir a este maravilhoso espectáculo?

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO POETA BERNARDO DE PASSOS

EM S. BRÁS DE ALPORTEL

Encontrando-se quase concluídos os trabalhos de construção do monumento ao poeta Bernardo de Passos, em S. Brás de Alportel, a respectiva Comissão, para elaborar o programa e fixar a data da cerimónia inaugural, que se espera revista o maior brilho e interesse, dado o alto valor da obra poética do homenageado e a geral ternura que todo o Algarve mantém pela sua memória. Para constituírem a Comissão

CIVILIZAÇÃO tem na cidade a sua expressão geográfica. O homem disperso nas regiões de cultura, ou isolado nas zonas de extracção, está, economicamente, subjugado pelas tarefas produtoras da riqueza; e, socialmente, ligado ao seu semelhante por relações elementares e demasiado familiares. Não dispõe, por isso, nem do ócio que faculta o chamado escapeiro do espírito, nem do estímulo que resulta dos contactos social e economicamente diversos, e até opostos, que se propiciam nos grandes centros.

Nunca a Civilização floresceu nos campos de economia fechada, em que as populações se bastam a si próprias. Mas sempre encontramos nos centros co-

mopolitas a mais brilhante expressão da riqueza material e cultural dos povos, acumulada através da experiência milenária da humanidade. E' na cidade, com efeito, PELO Dr. VICTOR DE SÁ que se armazenam as riquezas produzidas num território, é aí que elas se trocam por aquelas outras que o território não produz e que têm de ser atraídas de outras regiões distantes onde abundam, para bastar a população local. Do empório comercial resulta uma vasta organização económica, que se especializa nas actividades de transporte, de crédito, de organização de trabalho e de segurança colectiva. O centro comercial transforma-se, desse modo, num centro político, onde os governos estabelecem as suas sedes e a vida colectiva dos povos se multiplica nas complexas actividades que traduzem o grau de civilização atingido pelas nações.

De tudo resulta, naturalmente, que as cidades são além das sedes comerciais e políticas, os centros culturais por excelência.

E' nas capitais, com efeito, que se encontram as Uni-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Afinal, não muito des preocupadamente

Caminho des preocupadamente na rua comprida. Lojas abertas, de um lado e de outro. Montanhas chetas... Ironia. As pessoas passam, não olham umas para as outras. Acotovelam-se, como formigas no carreiro. Mechem os lábios. Falam, tão devagar que as não entendem. Dá-me a impressão de estar a assistir a um filme mudo, com efeitos exteriores. Curioso! Começo a perguntar a cada pessoa que não conheço se é feliz. Todas estas fisionomias me dizem que não. Ninguém descontrai. Felicidade?

Aqui está uma palavra em que nenhuma destas pessoas parece ter ouvido falar, alguma vez. A solidão começa a arrancar-me em pleno rosto. Sigo.

Um cesto de cousas várias

Está por fazer um filme sobre as ruas da cidade. Ovi dizer que um realizador espanhol acaba de rodar um. Qualquer coisa sobre as ruas de Madrid, longa metragem. Ah! que enorme filme seria o que eu fizesse.

Nenhuma Martine Carol, nenhum Marlon Brando. Único personagem: a rua... Argumento impressionante. Lembrei-me disto há um minuto. Era uma loja cheia de doces, fruta, queijo. Em primeiro plano, uma seira de tamaras. Em frente, um velho à Charlot, puxando pela beata.

A propósito de filmes e de Charlot. Conheço «Tempos Modernos»? O homenzinho da bengala de bambu e chapéu de coco comeu a tripa-forra no elegante restaurante. Não pagou a conta — claro! — e vai ser preso.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

COMPARTICIPAÇÕES

PARA MELHORAMENTOS PÚBLICOS

Pelo Fundo do Desemprego, concedeu o sr. ministro das Obras Públicas as seguintes comparticipações para os melhoramentos abaixo indicados e em curso na nossa província:

À Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, para construção de arruamentos, reforço: 100.000\$00.

À Junta de Província do Algarve, para conclusão do edifício-sede, 30.000\$00.

À Câmara Municipal de Monchique, para obras de adaptação de um edifício a Paços do Concelho, reforço, 60.000\$00.

À Câmara Municipal de Portimão, para a urbanização do agrupamento de casas económicas de Portimão II, reforço, 37.537\$70.

À Junta de Turismo de Armação de Pera, para a construção do edifício-sede, reforço, 40.000\$00.

À Câmara Municipal de Olhão, para urbanização do bairro de pescadores da Fusetta — 2.ª fase — reforço, 31.600\$00.

DE VEZ EM QUANDO...

OS BOMBEIROS

Pelo Prof. TRINDADE E LIMA

OUTRO dia, na missão de que agora estou investido, coube-me examinar um graduado, na corporação de bombeiros nosso quase vizinho pois a naturalidade se situa em S. Miguel do Pinheiro, do concelho de Mértola.

Percebi que o homem escrevia com desenvoltura e eram do seu conhecimento os problemas de aritmética. Mas percebi também que estava extremamente nervoso, preso às responsabilidades do acto que estava a praticar. Para o pôr à vontade, eu, que entendo que às minhas funções de julgador não devo, nem é necessário, juntar o semblante e as

atitudes de um carrasco, disse-lhe, a sorrir: «Sossegue, não tenha medo. Aqui não há fogo». Ao que ele, levantando a sua cabeça, já polvilhada por 52 anos de idade, me respondeu, serenamente: «Do fogo não tenho eu medo». Valência sem alarde, abnegação sem cálculo.

Passados dias, vem também ao pretório outro bombeiro, igualmente graduado. Noto-lhe a cabeça toda branca e um ar de pessoa cansada. Pelo bilhete de identidade, reconheço que tem 47 anos, o que não legitima aquele seu aspecto.

Digo-lhe, para o desanuviar,

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

O CAFÉ tem uma grande montra aberta para a vida. Lá fora, passam mil destinos, na massa anónima e heterogénea do povo.

Sorrisos, tristezas, gargalhadas históricas de menino moderno, rostos exprimindo angústia ou prazer de viver; abastança e miséria. Caminhos paralelos e inter cruzados, mas destinos opostos.

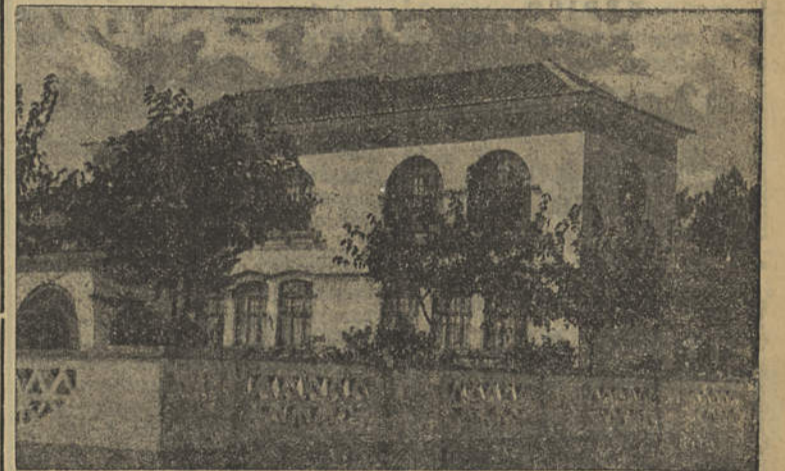
Indiferentemente, as se-reias esguicham para o la-

go o repuxo farfalhante. Os eléctricos — que se não chamam desejo —, pisando roncoiros as calhas luzentes, absorvem e despejam gente. A mesma multidão heterogénea que atravança as ruas e que agora se comprime nas plataformas ou se pisa na disputa de um lugar. Os autocarros, arfando, rouquinhos, vão abateendo as pedras tortas da calçada e as gentes continuam apressadas ou pachorrentas, calcurriando as ruas ou paradas nos passeios, com objectivo definido ou indefinido.

Cá dentro, no café, o ambiente é morno e para no ar como que um perpétuo nevoeiro. Há um sussurro constante de vozes, discussões acaloradas ou conversas tranquilas, sem pressas, que o café fez-se para passar tempo — fazer horas, como se as horas se fizessem como qualquer artefacto. Debatem-se problemas, agitados com paixão ou falas mansas, tediosas. Arquitectam-se grandes teorias, a par das conversas torpes, reveladoras da mais baixa e reles podridão humana.

Aqui e além, o futebol é discutido e as grandes «linhas» traçadas com maes-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)



Escola Masculina de Vila Real de Santo António

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE ENSINO PRIMÁRIO

VIVERAM lugar, nos dias 11 e 12 do corrente mês, na Escola Primária Oficial Masculina, desta vila, quatro lições, constantes do

«Curso de Aperfeiçoamento», com a presença do professorado primário dos concelhos desta vila, Tavira, Castro Marim e Alcoutim

A sessão inaugural, cuja mesa de presidência era constituída pelo sr. presidente da Câmara Municipal desta vila, pelo rev. P.º Galhardo, pelo director Escolar, sr. Virgílio Ferreira Fagulha e delegado escolar, sr. Francisco Caldeira Alexandre, foi aberta pelo sr. director escolar, que em seguida deu a palavra ao professor Caldeira. Este falou largo tempo sobre o aliciente assunto que intitulou «Método de Aprendizagem: Leitura e Escrita». Trabalho extenso e muito documentado, com citações das maiores autoridades pedagógicas, mereceu, por isso, calorosos aplausos dos que o escutaram.

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Acompanhado de sua esposa e filha, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, residente em Lisboa.

Vindo de Lisboa, encontra-se na sua propriedade em Castro Marim, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante sr. António Cordeiro Marques da Costa.

Encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo e assinante sr. Hugo Drago, residente em Lisboa.

Vindo de Évora, onde reside, encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa e de visita a sua família, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Rodrigues de Mattos.

Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Helena de Aragão Breia, consagrada escritora e jornalista, esteve nesta vila, tendo-nos dado o prazer da sua visita à nossa Redacção, o nosso prezado assinante em Lisboa sr. Anibal Ferreira Breia.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante sr. Américo Salas Medeiros, residente em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se em viagem pela França, Bélgica e Alemanha o sr. dr. Humberto Pacheco, nosso ilustre comprovinciano e assinante, em Lisboa.

A passar as férias da Páscoa com sua família, esteve, durante alguns dias, nesta vila e em Orlão, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Laura Sais de Brito Folque, o nosso prezado amigo e assinante sr. engenheiro José de Brito Folque, distinto investigador do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa, aonde foi consultar a medicina, o nosso amigo e assinante sr. Manuel Fernandes Enxerto, comerciante em Portimão.

De visita a seus pais, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante em Lisboa, sr. Alvaro Campero Munhoz.

JOSÉ VASCO NUNES MÉDICO

Consultas todos os dias a partir das 15 horas. Consultas aos pobres às Terças-feiras e Sábados — pelas 16 horas.

Consultório — Rua da Princesa, 90 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMÍNGUES

Avenida da República — Telefone 12

COMPANHIA DE SEGUROS



CAPITAL E RESERVAS: 287 MIL CONTOS

CORRESPONDENTE

ARTUR ALEIXO HORTA

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Antes disso, pára na tabacaria do hotel e pede para si um estuendo charuto. Para uma criança, que lhe pede esmola, brincos, doces, guloseimas. Vai ser preso, de qualquer forma, não é?

Sou a pessoa mais piegas que há no mundo. Seguramente. Porque não bastou que diante daquela cena uma plena felicidade me empunhasse como a um facho e uma lágrima me saltasse dos olhos, tal uma seta atirada por um arco poderoso. Não bastou. Ainda agora, ao lembrar-lá, o meu coração canta, como se visse um amigo querido.

Que nenhum vento destrói

Parece—é lógico—que a realidade debaixo de nossos pés fosse a única fornecedora de amigos e inimigos. Não é. Comigo, pelo menos. Os livros que me acompanharam, pela vida fora, deram-me um enorme contingente de amizades puras, que nenhum vento destrói. Reparei nisso esta manhã, quando ouvi, pela Emissora, a Rapsódia Húngara, de Brahms. Lembrou-me sempre, escutando este nome, de que Jean Christophe não gostava dele, o achava artista inferior, se punha vermelho de cólera só de ouvi-lo. Nunca lhe perdoei o sofrimento que ele infligiu ao velho, bondoso Shultz (oh, querido Shultz, alma boa e grande, é verdade que somos amigos, não é assim?) só porque o velho caiu em lhe dizer que apreciava Brahms...

Outro dos meus amigos, que me faz boa companhia, é Jacques, esse Thibault que odiava a guerra e esborrachou a cabeça contra o muro de aço—porque se esqueceu de que o barco é grande em demasia para ser levado por uma vela só...

Entre vários assuntos, um Sol submerso

E a rua continua. Grande rua, e amarga, e triste, apesar de todas as suas mágicas, lintéis e cintilações. Espera! Conheço aquela cara... E' o R. Que havemos nós de falar, a não ser de livros, de teatro, de literatura? — Isto é horrível, Manuela. Como quer que eu escreva? Entro no emprego às dez, saio às cinco. Mas não finjo que trabalho, lá dentro.

E' mesmo «no duro». Como quer que eu tenha cabeça para fazer alguma coisa? Profissionalismo? E' uma miragem. Isso é bom para dois ou três de nome feito e a máquina de propaganda bem montada.

Olhe: publiquei alguns romances, representaram-me umas peças... Sabe quanto recebi de tudo isto? Cinquenta contos! Se fizesse apenas romances e peças, a mulher e a filha que lá tenho morriam-me à fome!

A rua. Comprida. Imensa. Um abismo. Mas não tenho medo. A floresta não me esmaga. Como disse um poeta: como pode ser triste a água com um sol submerso? Sigo. O empregado da Câmara que recolhe o lixo afadiga-se, em vão, por recolher uma folha verde, que o vento impele.

Maria Manuela Nunes

MANIFESTO DE PRODUÇÃO DE LÃ

Todos os criadores ou possuidores de gado ovino são obrigados a manifestar, de 1 de Maio até 15 de Julho, a lã que recolheram no ano corrente, qualquer que seja a quantidade ou o fim a que se destine.

As quantidades manifestadas deverão ser expressas em quilogramas e referem-se a lã em sujo.

A Assistência da Junta Nacional dos Produtos Pecuários na Campanha Lanar DE 1957

A Junta Nacional dos Produtos Pecuários convida todos os ovinicultores do Algarve a inscreverem-se na Delegação da Junta, em Faro, directamente ou por intermédio dos Grémios da Lavoura, a fim de lhes ser prestada assistência técnica na próxima Campanha Lanar.

Como se compreende, há toda a conveniência em que se inscrevam desde já, não só para que os serviços da Junta organizem a tempo e horas o seu plano de assistência técnica, como também para que essa assistência atenda ao maior número possível de interessados.

A assistência técnica, gratuita, que vai ser prestada, terá por objectivo principal auxiliar os lavradores na valorização da lã dos seus rebanhos, procurando-se que tanto a tosquia como o enrolamento e a armazenagem dos velos se façam segundo as melhores técnicas.

Normas que vão seguir-se na próxima Campanha Lanar:

1.ª — A Junta presta assistência técnica gratuita na tosquia das lãs, e na armazenagem, classificação e avaliação das partidas a concentrar para venda por intermédio dos Grémios da Lavoura e Cooperativas Ovinas.

2.ª — Os lavradores que desejarem a assistência técnica da Junta deverão solicitá-la directamente às Delegações deste Organismo ou por intermédio dos Grémios da Lavoura ou Cooperativas Ovinas.

3.ª — Nos pedidos de assistência, os lavradores deverão indicar: o nome e morada; número aproximado de ovinos; local onde tencionam realizar as tosquias e data do início; e, ainda, nome da propriedade, com indicação da freguesia e concelho a que pertence.

4.ª — Os Grémios da Lavoura e Cooperativas Ovinas só poderão receber nos armazéns, para classificação e avaliação pela Junta, as partidas de lã que tenham sido tosquiadas por manageiros encartados, e para as quais haja sido solicitada a assistência técnica dos Serviços.

5.ª — A Junta só poderá fazer adiantamento de fundos por conta das lãs concentradas nas condições do número anterior.

Como se depreende, a forma como decorrerá a próxima Campanha Lanar ficará dependente, em grande parte, do espírito compreensivo e da colaboração de todos os produtores.

Só assim a Junta, pela acção dos seus serviços técnicos, poderá colaborar efectivamente na defesa de um dos maiores valores da Economia Nacional.

Assina e propaga "Notícias do Algarve"



PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.ª

Vila Nova de Gaia



PROVINCIA ALBUFEIRA

No dia 12 do corrente esteve nesta vila, em visita oficial, Sua Ex.ª o ministro das Obras Públicas, o qual se fazia acompanhar dos srs. governador civil do distrito, presidente da Comissão Distrital da U. N., eng.º Durão, secretário de Sua Ex.ª, eng.º Sá e Melo, Rafael Amaro da Costa e Gomes da Silva, directores-gerais, respectivamente, dos Serviços de Urbanização, dos Serviços Hidráulicos e dos Edifícios e Monumentos Nacionais; srs. eng.º Pessanha Viegas, director da Urbanização de Faro, Silveira Ramos, director de estradas do distrito de Faro, Acácio Monteiro, director dos Serviços Hidráulicos do Guadiana e comandante da Polícia de S. Pública, sr. capitão Loureiro.

No sítio de Ferreiras, aguardavam a chegada de Sua Ex.ª o ministro e comitiva, a fim de apresentarem cumprimentos de boas-vindas, os srs. presidente e vereadores da Câmara Municipal, presidente da Comissão Cancelhia da U. N. e muitas outras entidades oficiais e particulares.

Chegado a Albufeira, o sr. ministro visitou a esplanada da praia e o local onde será construído o ho-

tel «Sol e Mar», tendo prometido conceder a necessária comparticipação do Estado para a realização da 1.ª fase do arranjo urbanístico da referida esplanada.

Prometeu, também, participar a obra de saneamento da vila, para início do 1.º troço, da 1.ª fase, cuja obra está projectada e orçada em 4.800 contos, assim como também prometeu a construção de uma nova ponte da Ribeira de Algibre, ligando o lugar de Aicaria com a sede da freguesia de Paderne.

Sabemos que no plano de obras a realizar neste concelho, durante o biénio de 1957-1958, estão compreendidas as seguintes: Construção de uma ponte no Ribeiro de Espiche, ligando o concelho de Albufeira (região de Vale Parra) com o de Silves (Pera), estando já esta estrada, que margina a orla marítima, devidamente asfaltada; Construção do C. M. da Guia à Praia da Galé; Reparação geral da E. M. de Quarteira, até ao limite do concelho com o de Loulé; Construção de arruamentos a partir do Bairro dos Pescadores até ao edifício da Colónia de Férias da F. N. A. T. e prosseguimento dos trabalhos de reparação da E. M. de Albufeira à Guia. — C

OS ESTALEIROS DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CONSTRUÍRAM NO ANO DE 1956 EMBARCAÇÕES NUM TOTAL DE 4.127 TONELADAS

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

melhores condições, as exigências dos armadores.

A título informativo, diremos que foram aqui construídas, em grande parte, as 22 traineiras e 66 enviadas que constituem a frota pesqueira de Vila Real de Santo António, além de muitíssimas outras de diversos centros pesqueiros do Algarve e do Centro e Norte do País. Também aos nossos estaleiros uma grande parte desses barcos vem procurar a indispensável assistência.

Tratando-se, portanto, de uma actividade económica de bastante relevo, tivemos curiosidade em ouvir alguns dos principais elementos que a servem, servindo, também, o bom nome da nossa terra. Colhemos, assim, diversos comentários, informações e algumas confidências bastante elucidativas sobre uma indústria local que, desenvolvendo-se, praticamente, sob os nossos olhos, uma esmagadora maioria dos vilarealenses não vê, ou raramente dela se apercebe.

Nesta «ronda dos estaleiros» deparámo-nos, em primeiro lugar, com o sr. José Joaquim Socorro. Sem descurar os seus afazeres, fomos dando conta da actividade do seu estaleiro: 1.075 toneladas, entre traineiras, enviadas e outros barcos menores, com os melhores resultados técnicos, só no ano de 1956.

No do sr. António Pena estão a construir, presentemente, uma enviada para Cabo Verde. Naquela mesma carreira assentou a quilha do «Rio Jamor», esplêndido barco de 152 toneladas, há pouco tempo lançado à água, e que foi feito em moldes diferentes dos usuais, resultando num dos melhores êxitos daquele estaleiro. Balanço da actividade do ano findo, segundo informação de mestre António Pena: 1.852 toneladas.

Segue-se um homem muito conhecido pela sua larga experiência e espírito empreendedor: o sr. José do Nascimento Gomes. Enquanto nos mostra o plano inclinado que mandou construir recentemente e nos transmite, confidencialmente, os seus projectos de futuros melhoramentos, diz-

nos que construiu, em 1956, cerca de 1.200 toneladas. Entre muitas outras unidades, foram contruídas no seu estaleiro as traineiras: «Maria Rosa», «Conceição» e «Raulito». E, para dar uma ideia, a quem não o conheça, das dimensões e possibilidades do plano inclinado de que dispõe este estaleiro, acrescentaremos que é possível reparar ou construir ali, ao mesmo tempo, um total de quarenta unidades!

Confessamos que, depois deste breve mas proveitoso contacto com os nossos estaleiros, presenciando a sua laboriosa tarefa e escutando os seus activos e competentes dirigentes, não nos surpreendeu que um já velho e bastante coçado «slogan» se tenha emaranhado no teclado da máquina para, remoçado e com flagrante oportunidade, pôr ponto final neste inquérito-relâmpago: Não há dúvida que a nossa terra caminha, a passos largos, para um futuro melhor!

«A ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA DO ALGARVE»

No dia 25 deste mês, pelas 21,30 horas, o sr. eng. Octávio da Veiga Ferreira realiza, na «Casa do Algarve», uma conferência sobre «A Arqueologia Pré-Histórica do Algarve», com projecções luminosas.

Dada a comprovada competência do conferencista na matéria a versar, aguarda-se com interesse a nova sessão cultural daquela agremiação regionalista.

ETELBERTO - Cabelheiro



Participa a todas as Ex.ªs Senhoras que executam os mais actualizados penteados pela técnica mais moderna

Permanentes a frio, Quentes e Mornas

Tintas, Mises, Cortes, etc.

Óleos quimicamente preparados em novas fórmulas

Desfira cabelos encarapinhados

Salão LAUREA

RUA D. PEDRO V, N.º 5-1.º VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA de Vila Real de Santo António De 13 a 19 de Abril:

TRAINEIRAS	
Aldita	74.230\$00
Flor do Guadiana	45.410\$00
Sul	44.480\$00
Agadão	33.210\$00
Tóluis	29.030\$00
Norte	27.600\$00
Raulito	22.030\$00
Lagoa Azul	22.030\$00
Mogador	21.440\$00
Ramira	20.740\$00
Rajada	18.285\$00
Audaz	15.290\$00
Flor do Sul	14.800\$00
Malaca	14.450\$00
Tozé	13.050\$00
Pérola do Guadiana	12.700\$00
Deus te guarde	12.470\$00
Farihão	10.600\$00
Infante	10.295\$00
Levante	9.940\$00
Triunfante	9.660\$00
Maria Benedito	7.635\$00
Pinguim	7.250\$00
Alvarito	6.755\$00
Maria Rosa	3.600\$00
Maria Sérgio	3.600\$00
Brisa	3.450\$00
Boreal	2.970\$00
Deolinda Rita	1.950\$00
Total	518.950\$00

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António De 12 a 18 Abril:

Entrados:

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
HOMBERG, Alemão, de 1820 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.

Saídos:

ZÉ MANEL e MIRA TERRA, Portugueses, para Lisboa, com minério.
HOMBERG, Alemão, para Hamburgo e Roterdão, com rolas e conservas.
ZÉ MANEL e MIRA TERRA, Portugueses, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 20 a 26 de Abril, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito — Telefone 31.

NOVAS CONSTRUÇÕES

O problema habitacional em Vila Real de Santo António parece que, desta vez, está a ser encarado de maneira firme e resoluta. Assim, registamos, com todo o agrado, a construção de mais dois prédios de 1.º andar, destinados a aluguer.

Estes prédios estão a ser edificadas nas ruas Conselheiro Frederico Ramirez e Dr. Sousa Martins.

As construções estão a cargo do mestre de obras sr. Domingos Horta, sendo o autor do projecto o desenhador sr. Manuel Tenório.

Manifesto de Sementeira

do Milho, Feijão de Sequeiro e Regadio e Plantação de Batatas de Regadio

Todos os agricultores que tiverem semeado ou plantado os produtos acima mencionados, deverão fazer o seu manifesto desde 1 do corrente até 30 de Junho.

Estes produtos serão manifestados nas freguesias onde tiverem sido plantados.

As falsas declarações serão punidas com multas.

Todos os esclarecimentos serão prestados aos agricultores na Regedoria deste concelho.

UMA CRÓNICA POR SEMANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tria e eficiência. Quantos seleccionadores «competentes» se estiolam à mesa dos cafés... E tanta falta que eles fazem à Nação!

Num café há sempre uma amálgama de indivíduos, uma multidão composta dos mais dispares e desperdiçados elementos: grandes economistas, estadistas virtuosos, estrategas profundos, hábeis políticos, pensadores e filósofos superiores aos que nos foram legados pela antiga Grécia. A filosofia é a principal ciência que a cafeína alimenta e desenvolve, num desenvolvimento processado para dentro; justamente: para dentro.

Estão lá também os amigos de ocasião e do alheio. Para entrar no café, é apenas necessário gravata, assim o exige uma decisão idiota—mas só para portugueses, porque os estrangeiros têm carta branca. Homens de bem, sem gravata, não entram, dão uma nota má ao ambiente selecto e distinto e quebram a imposição da gerência: «Reservado o direito de admissão». O porteiro, ativo na sua farda agalada, com dragonas douradas e botões brilhantes, é o responsável pela selecção. A gerência põ-lo à porta como cão de fila, sempre disposto a morder nas canelas de quem não trouxer gravata.

Lá fora faz frio e as ár-

vores perderam as suas últimas e amarelecidas folhas, têm um aspecto triste. Apenas os galhos, esqueléticos e de figura exótica e formas estranhas, ficaram. A' noite, os passaritos não têm as folhas amigas para os proteger do inverno rigoroso. Mesmo assim, eles encontram nos troncos nús um poleiro amigo e acolhedor.

Os pombos, arrulhando, vêm comer o milho que a senhora idosa, caritativamente, veio trazer-lhes, como de costume. Reconhecidas, como eterno símbolo da paz, poisam-lhe nos ombros, que o peso dos anos e as vicissitudes da vida começaram a vergar.

Os ardinias estão firmes nos seus postos de venda e os sinaleiros, com grandes gestos, dirigem, diligentes, o trânsito. Os automóveis, a cada momento, parece mesmo que vão chocar-se, mas não: continuam velozmente a sua marcha.

No alto do pedestal, D. Pedro, pensativo e indiferentemente, assiste a tudo e, quando a noite vem, seus olhos extasiam-se com a luminosidade dos reclamos.

A vida continua. O dia começa a declinar, e a larga montra do café continua aberta para a vida.

José dos Santos Marques

Visado pela Comissão de Censura

Junta de Turismo de Vila Nova de Cacela Casino da Manta Rota

Aceitam-se propostas para a exploração do Casino da Praia da Manta Rota durante a época balnear do corrente ano, até às 15 horas do dia 30 de Maio próximo.

As condições encontram-se patentes em casa do presidente da Junta de Turismo de Vila Nova de Cacela, em Cacela.

Vila Nova de Cacela, 14 de Abril de 1957.

O Presidente da Junta

a) Hilderico do Nascimento Pires



Esconder?
Não!

Só a garrafa de vidro incolor permite examinar rapidamente o seu conteúdo e verificar se nele se encontram impurezas, corpos estranhos ou se houve alteração. Só com uma garrafa assim é possível ter a certeza da qualidade do produto que encerra. Por isso ela é usada pelos exigentes e, assim faz, a conceituada

Fábrica SIMON

Vila Real de Santo António
DESDE O ANO DE 1913

CENTROS DE CULTURA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

versidades, as Bibliotecas, os Museus, os Teatros, as Academias, os Institutos de Investigação e todas as demais associações onde se presta culto à inteligência, a grande característica peculiar do homem.

Ao contrário, nas vilas e nas aldeias, nas extensas regiões que se agrupam sob a designação genérica de *provincia*, a fraca densidade populacional limita a vida social ao elemental; a circunstância de não estarem localizadas nos grandes feixes de circulação divorcia-as dos fecundos movimentos de ideias, que sempre acompanham as transacções em grande volume, e a vida sujeita, a um trabalho rudimentar sempre igual, monotoniza a actividade dos grupos, que não chegam a encontrar no colectivo a expressão das suas dores e das suas inquietações individuais.

A designação geográfico-social de *provincia* cinge-se, dum modo geral, às regiões de cultura agrícola, que entre nós se caracterizam pelo seu individualismo, pelos processos rudimentares de exploração e pelo afevorado conservadorismo, que dá aos seus habitantes a plena justificação do qualificativo — «provincianos».

Mas se é a história que nos ensina que são estas as diferenças fundamentais entre cidade e aldeia, entre capital e provincia, é a história também que diz dum fenómeno económico-social novo que foi introduzido no seu curso desde há cerca de um século, o qual é o industrialismo, que revolucionou a feição social dos povos e que tem levado a sua influência até aos lugares mais recônditos do globo.

Com efeito, a multiplicidade quase infinita que a máquina veio trazer à produção obriga os agentes produtores a uma busca afanosa de mercados para a colocação dos seus produtos. O industrialismo não pode respeitar as fronteiras que dividem as nações, e quando os povos de civilização branca esgota-

Inauguração do Monumento a Bernardo de Passos EM S. BRÁS DE ALPORTEL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

adores, e o presidente do Cenáculo Bernardo de Passos, de S. Brás de Alportel.

A data da inauguração está, em princípio, marcada para 15 de Setembro próximo.

A Comissão Executiva do Monumento constituída, pelos srs. dr. Guerreiro Murta, major Mateus Moreno, drs. Virgílio de Passos e Sousa Carrusca, M. de Mora Féria e Joaquim António Nunes, agradece, por isso, o envio urgente, para a Casa do Algarve, de todos os donativos já subscritos ou angariados a favor da construção do mesmo e de quaisquer novos contributos com que os amigos e admiradores do Poeta desejarem ainda figurar na lista, que deverá ser entregue, com o processo e actas da dita Comissão, ao Município de Alportel.

No plinto, que sustenta o busto, será gravada a seguinte legenda:

«Ao Poeta / Bernardo / de / Passos / Homenagem / dos / Seus Amigos / E / Admiradores / 15/9/1957»;

e na placa lateral esta formosa quadra do Poeta, em que se procurou apresentar o verdadeiro retrato da sua alma de patriota e de regionalista sincero:

Eu amo o meu País, embora sobre a [terra]
Em cada homem veja apenas um irmão.
Nós somos como a esteva ou a urze [da serra]
Que só floresce bem no seu dorido [cháo...]

Bernardo de Passos
(1876-1950)

ram as suas possibilidades de compra, foram os países que se designam de atrasados inundados pela super-produção. Unificaram-se as civilizações, o mundo encaminha-se para a unidade.

Neste apelo intenso, incessante, dramático, a todo o poder de compra, as diferenças sociais clássicas desvaneceram-se e o conceito de democracia generalizou-se e ampliou-se. Com a chamada ao poder de compra veio o direito ao voto, que depois subsistiu, mesmo quando o poder de compra se esgotou para as camadas mais amplas da sociedade.

Por outro lado, a própria técnica propiciou as novas vias de transmissão do pensamento e da informação, como o livro, o jornal, a rádio, o cinema, etc., sendo por elas abolidas as barreiras naturais e vencidas as distâncias mais longínquas.

Os pequenos grupos sociais venceram a sua natural limitação — o isolamento. O indivíduo, mesmo fechado em sua casa, pode estar em contacto com os grandes acontecimentos do mundo e através do livro pode ter à sua mão o somatório dos conhecimentos humanos e as mais belas produções dos maiores valores literários.

A técnica aproximou dos homens as grandes possibilidades para a sua libertação. E' necessário agora que o homem amolde a vida pública ao pleno usufruto das facilidades de que dispõe. E que saiba orientar-se na tormenta que o tem deixado perplexo. A desintegração do átomo tanto pode ser o limiar da idade do ouro da humanidade, como pode ser a sua tumba.

O antagonismo entre cidade e provincia deve dar lugar a uma tendência de complementaridade. Naturalmente que a cidade continuará a ser, pelo grau mais elevado da sua vida social, o centro por excelência da cultura. Não um centro que se feche sobre si, orgulhoso e egoísta, ignorando os milhões de indivíduos que se dispersam pelas provincias, mas um centro aglutinador, que anime a antiga gente provinciana a atingir a sua maioridade intelectual.

Onde está um homem, onde quer que esteja, está um valor. A sociedade não pode, sem se condenar a si própria, desprezar o indivíduo. Valorizá-lo, dar-lhe plena consciência de si, integrá-lo nos elevados ideais humanos, é o sentido próprio do humanismo.

A extensão cultural está, desse modo, em plena actualidade. A cidade é, por si só, um campo limitado para a difusão da cultura. Nas vilas, nas aldeias, nas pequenas cidades provincianas, o homem é também um ser pensante e o seu espírito exige alimento. Ai também é Portugal.

Victor de Sá

ACÇÕES

De «A Electro Fabril», compra-se qualquer quantidade, pagando-se ao melhor preço.

Resposta:
Apartado n.º 13 - FARO.

A FROTA BACALHOEIRA PORTUGUESA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

lhoso acto de fé? Pescadores, famílias e autoridades, quiseram dar essa nota de fé e de comunhão no mesmo ideal de Pátria e de Deus. A esta grandiosa solenidade quis assistir o senhor Presidente da República, que ali foi para dar público testemunho da sua admiração por estes bravos homens do mar, que iam partir para longes terras, mas queriam levar a bênção de Deus e o sinal inequívoco da protecção da Pátria, ali representada pelo seu Supremo Magistrado.

A missa foi celebrada pelo sr. Arcebispo de Milene, que evocou a cerimónia da bênção dos navios bacalhoeiros. Depois, dirigiu-se aos pescadores, exortando-os a que sejam sempre leais para consigo próprios, para com seus superiores, para com a família, com a Pátria e com Deus. Eis aqui algumas palavras da vibrante homilia de Sua Ex.ª Rev.ª: «Português é sinónimo de católico e vós, pescadores, pertenceis a uma classe privilegiada do cristianismo. Foi por vossa causa, queridos pescadores, que se reuniu aqui tanta gente, desde o Chefe do Estado às mais humildes pessoas».

As palavras de Sua Ex.ª Rev.ª ecoaram bem fundo, nas almas e nos corações de todos os presentes, mas, muito particularmente, nos corações desses homens bravos que partem animados, porque sabem que Portugal inteiro os acompanha naquela sua tarefa. Os olhares e os gestos de todos os presentes foram indício bem patente da comunhão nacional, comunhão que esses homens do mar tão bem sentiram, ao darem-se conta do verdadeiro sentido da unidade nacional. Poderá, na verdade, haver nada mais consolador do que saber que todos formamos parte activa, parte eficiente, de um todo a que se chama Pátria, Pátria Portuguesa?... E', certamente, nestes graves momentos da vida do homem que melhor se sente a comunhão da Pátria, comunhão valiosa, quando é fruto de vivência do mesmo ideal.

Estes bravos marinheiros sabem perfeitamente, sa-

bem porque o sentiram, sabem porque o viveram em forte emocionabilidade, que são consoladoramente reais as palavras do senhor Arcebispo de Milene: *E' a Pátria que reza por vós, pedindo a Deus vos conceda boa viagem, colheita farta e feliz regresso*. A Pátria segue estes seus filhos, porque sabe muito bem que vão desempenhar uma função valiosa para bem de toda a comunidade.

O Governo da Nação tem sabido sempre acarinhá-los estes bravos marinheiros, podendo dizer-se que a frota bacalhoeira tem aumentado, de ano para ano. Mas o que é ainda mais digno de menção é o cuidado que os nossos governantes têm em apetrechar os barcos com todos os elementos modernos, para poderem cumprir, mais cabalmente, a sua espinhosa missão, com o menor risco possível. Assim o compreendem os bravos marinheiros, que não sabem como manifestar a sua intensa gratidão ao Governo que assim sabe resolver todas as suas dificuldades, ao mesmo tempo que tem procurado sair ao encontro das suas justas e humanas aspirações.

Portugal inteiro sente-se satisfeito com estas provas de infindo desvelo para com estes heróis do mar, para com estes continuadores duma das mais fecundas qualidades do espírito lusiada: o espírito da aventura através dos oceanos. Não foram só os portugueses que assistiram ao acto solene de bênção; são os portugueses de todo o País que rezam por esses marinheiros irmãos, que se preparam para engrandecer Portugal, arrostando com as ondas do mar tempestuoso.

A todos os marinheiros que vão para a sua missão de paz e de amor, enviamos o abraço colossal da solidariedade lusa, que sempre os acompanhará em todos os perigos, em todas as vicissitudes da sua viagem. Tudo por um Portugal maior!... Tudo por um Portugal grande e heróico!...

J. G. Braz

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

MOTOR MARÍTIMO - H. M. G.

USADO

Potência: 180 H. P.; 4 Cilindros; 600 R. P. M., a gasóleo, equipado com a embraiação hidráulica alemã REITJES (Embraiação que equipa grande número de marcas de motores alemães). — Preço em conta.

VENDEM

HILDERICO DO NASCIMENTO PIRES e MANUEL GIL FERNANDES LAPA

VILA NOVA DE GACELA — Telefone 14
Em Tavira, Tel. 21 — Vila Real Sto. António, Tel. 236

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que sou mais novo e pergunto-lhe que idade me atribui. Reconhecendo a minha malícia, responde-me, a sorrir: «Já que o senhor diz que é mais novo, deve ter uns 45 anos». Confesso-lhe então a minha idade verdadeira, e ele acrescenta num sorriso triste, amargurado: «Até lá chego eu. Nós, os bombeiros, morremos novos». E apontando para o peito: O coração não aguenta.

E atentando nestes esboços de conversa, acodem-me à memória as palavras que, numa sessão pública em homenagem a esses esforçados artifices do nosso sossego e bem-estar, proferi em Vila Real de Santo António — «O homem só é verdadeiramente grande quando espalha em volta de si pedaços da sua própria alma». — Não é só a alma que eles entregam, sacrificam também o corpo, perdendo muitos a vida ou ficando perpetuamente aleijados.

E dirigindo-me ainda às mães, com as quais nós professores temos tantas afinidades nas responsabilidades da educação, incitei-as a que fizessem dos seus filhos os bombeiros da paz, já que então estávamos em plena fogueira da guerra.

Traço estas linhas a propósito do novo quartel que os bombeiros de Vila Real de Santo António pretendem levantar.

Têm os vilarrealeses essa vida em aberto. Saldá-la não é só testemunhar o seu preito de gratidão; é ainda salvaguardar os seus interesses, sempre sujeitos a todos os perigos e pelos quais essas devotadas sentinelas estão sempre vigilantes.

Possam as minhas palavras contribuir de algum modo para essa obra se levar a cabo. Quando bem pago me sentiria por as haver escrito!

Trindade e Lima

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE ENSINO PRIMÁRIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

O sr. director Escolar elogiou este trabalho, o qual, posto à discussão, mereceu inteira concordância do professorado. Seguidamente, o sr. Virgílio Ferreira Fagulha deu a palavra à prof.ª sr.ª D. Fernanda Cavaco.

Esta senhora professora, com naturalidade e simplicidade, cativou a assistência pela brilhante maneira como soube explicar os seus conceitos sobre «Caligrafia». O tom de cativante simpatia posto na sua dissertação, o apelo feito para a necessidade de intensificação no intercâmbio do professorado, a simpatia irradiante na voz e na expressão, surpreenderam agradavelmente quantos a escutaram. Merecidíssimos, os aplausos com que premiarão o seu trabalho.

Encerrando a sessão desse dia, o sr. director escolar saudou as autoridades oficiais e eclesiásticas, bem como a Imprensa e quantos contribuíram, com os seus trabalhos e a sua presença, para o brilhantismo que essa sessão tinha alcançado.

Na sessão do dia 12, deste «Curso de Aperfeiçoamento», falou em primeiro lugar a prof.ª da Manta Rota (Cacela) sr.ª D. Maria Isabel Pato Nunes Rosa Mendes, sobre o tema «Ensino de Desenho».

Esta professora, que du-

João Manuel Gomes Horta

Nos «Jogos Florais de Poesia Ilustrada», na Faculdade de Letras, foram expostos os trabalhos de ilustração de poesias, onde João Manuel Gomes Horta, aluno distinto das Belas Artes, que desde há muitos anos vem mostrando uma rara habilidade quer no desenho, quer na aguarela ou no óleo, acaba de ser merecidamente galardoado com o 2.º prémio pela ilustração da poesia «Na voz do vento».

Ao nosso prezado conterrâneo, amigo e antigo companheiro de estudos, apresentamos as nossas felicitações e fazemos votos de feliz continuidade na sua arte.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário

Armando R. Cruz

CRÓNICAS



IRREQUIETAS



III

A propaganda turística da nossa terra, para colher frutuosa resultados, necessita de um princípio de continuidade de que tu, leitor amigo, fazes parte.

Descrevendo as imensas condições naturais de Monte-Gordo, desde a quietude das suas águas, mais parecendo enorme piscina, à sua agradável temperatura e amenidade de clima, engrrossará a opinião pública, que tenderá a fortalecer a posição de Monte-Gordo entre as melhores praias portuguesas.

Cansado dos problemas práticos com que a vida se nos depara, com o espírito querendo libertar-se do vulgar dia a dia, sentime num banco do jardim fronteiro ao rio.

O rio calmo, a limpidez do céu e a ligeira brisa que o Guadiana canaliza entre os montes que para a nascente lhe servem de margens, levaram-me à hipnose.

O meu espírito, liberto, saltitava, recreando-se pelo universo irreel por mim criado, quando o meu sentido auditivo foi despertado pelo som de vozes que perto dialogavam.

A conversa versava sobre o se-

xo masculino, e o meu sentido auditivo depressa se uniu ao visual, concentrando a atenção para o conteúdo da palestra e para quem a mantinha.

Duas senhoras, da idade em que a adolescência se esvai na bruma dos tempos, sentavam-se num banco próximo. Aos meus ouvidos chegavam já distintamente as suas vozes e ao meu cérebro a compreensão das suas palavras.

Ambas solteiras, falavam das tentativas frustradas para levar o «homo sapiens» aos laços do matrimónio. Dizia aquela que, pela forma viva de olhar e a maneira de se exprimir, denotava uma maior esperança na realização do seu sonho:

«Já fui meiga, agreste, cínica e leal, mas nada consegui, a não ser a alegria efémera de os sentir presos por momentos. A inconstância dos homens fez-me sofrer, mas estou certa de que desta vez conseguirei satisfazer a minha ambição. Penso, dentro de breves dias, sujeitar-me a uma operação de cirurgia estética, e depois, vê tu, com a minha experiência e o rosto totalmente rejuvenescido, ser-me-á fácil encontrar o homem ideal».

A minha mente ocorre a ideia de como a ilusão não escolhe idades e a esperança se conserva impune entre os maiores obstáculos.

E na ampla avenida, que junto ao jardim segue, passava um automóvel, fazendo ouvir no rádio a voz de Mário Simões, cantando:

«Não há um só remédio em toda a medicina...»

As frases «poéticas» do povo, aquelas que «andam de boca em boca», pegam depressa em Vila Real.

Qualquer frase popular que apareça e caia no gosto do povo, é certo que dentro em pouco é uma autêntica epidemia.

Agora calhou a vez à frase «linda e colorida», e o que é certo é que não se ouviu outra coisa na Rua Teófilo Braga, no passado domingo.

A cada rapariga que passava, alguns rapazes diziam-lhe logo: «E's linda e colorida».

Ora esta frase teve, no pretérito domingo, uma boa aplicação, cremos que por um rapaz de fora, que veio apreciar as belezas da terra.

Uma menina cá da vila, que costuma andar quase sempre com uns vestidos muito berrantes, passou uma quantidade enorme de vezes por esse rapaz, com aquele andar rápido e muito mexido, que lhe é peculiar, assim a modos de quem anda bem lubrificada.

Tantas vezes ela passou, até que ele lhe disse:

«Se calhar, julgas que és linda e colorida!!!»

Porque será que a Junta de Turismo, à semelhança de algumas praias portuguesas, não cria uns boletins informativos das condições climatéricas de Monte-Gordo, e o confronto de médias de horas de sol mensais com as congêneres nacionais e estrangeiras?

Oferece-se lugar de gerente em empresa de grande futuro, com escritório do maior conforto, «chauffage», secretária, sem horas certas de entrada, com feriados quando queira, mas com capital suficiente para manter o negócio.

Há um certo parzinho que tanto passeia, que até os mosaicos têm perdido o brilho.

Qualquer dia são obrigados a pagar contribuição com «selos... falscats».

Achou-se certa linguinha de prata de menina bastante conhecida, que será entregue, caso provar pertencer-lhe; mas o facto de ainda não a ter procurado levamos a pensar que deve ter grande «stock» de peças sobressalentes.

Pensa-se obrigar a exames de carta de condução certos cães-zinhos vadios, evitando esta medida desvios para os canteiros da Avenida.

O ano passou depressa; ainda nos parece ouvir o marulhar das ondas na Praia de Monte Gordo, e já estamos a três meses do novo reboliço das camionetas da carreira, que nos sacodem sem dó nem piedade.

Oxalá este ano a Empresa Ro-

POESIAS, LENDAS E SUPERSTIÇÕES DE VILA REAL DE SANTO ANTONIO

DESDE OS DESCANTES DE S. JOÃO ATÉ À FANTASMACÓRICA E HORRIPILANTE 'CABRINHA'

É quando o dia vai findando, lá para os contornos do Monte Figo, deixando um vermelho sanguíneo no céu, como um adeus à luz; é quando os pássaros chilreiam nas árvores, procurando abrigo para a noite que se avizinha; é quando os ruídos do dia que finda vão caindo, pouco a pouco, no entardecer mole que nos entorpece e deleita, que as lendas, as poesias e as superstições tomam lugar no pensamento humano, materializando a imaginação.

Essas histórias, que nos fazem enrugar a testa ou rir de contentamento, vêm do povo, daquela massa anónima que não deixa nas brumas dos tempos as histórias dos seus ancestrais.

E' da gente do mar, que diariamente arrisca a vida sobre frágeis tábuas que desafiam as fúrias dos elementos, donde vêm as mais lindas histórias. E' quando do amanho das redes que as histórias antigas, que transitam de pais para filhos, de gerações para gerações, se fazem ouvir em toda a sua natural e despreocupada narrativa.

São lendas de moiras que correm pelos ares, levando nas formosas mãos rosas de um azul celestial; são sereias cantando, atraindo os pescadores, com mei-

por entre duas goladas «da rija», que as mulheres, junto ao fogo, que parece crepitar a medo, contam histórias tenebrosas de «almas penadas», ou de «lobisomens», para se «entreterem» a passar a noite.

Nessas horas sonolentas e escuras, em casas pequenas e povoadas de sombras, que a luz da candeia a custo consegue afastar lá do canto da lareira, ouvem-se, com um respeito quase tenebroso, as histórias de «almas» que voltam a este mundo a pedir contas de promessas esquecidas, nas agruras desta vida.

São várias as «aparições» que o nosso povo teme. Em Vila Real e Monte Gordo o povo temia, em tempos que já lá vão, a horripilante «Cabrinha», ser misto de mulher horrenda e de cabra, negra como a noite que a esconde no seu ventre.

As proezas desta maligna figura, que a tradição popular chama de «Cabrinha», são terríveis e difíceis de enumerar.

Conta-se que este ser maléfico caminhava de noite pelas ruas desertas à procura de crianças transviadas, para lhes chupar o sangue; aos homens, então, mata-os e leva-os consigo para o mais negro dos seus antros.

A superstição popular dedica-

quantidade dessas «virtuosas mulheres» e também alguns homens, que, pelas suas maneiras subitas de rezar e ensinar «mezinhas», enganavam os pobres que lhes caíam nas mãos a «pedir consulta».

Alguns desses videntes ficaram na história da vila e marcam uma época, pelo seu muito saber e pela fama que atraía grande quantidade de pessoas, sendo autênticos charmarizes para todas as maleitas humanas.

O bruxo que mais se distinguia na nossa vila foi, sem dúvida, o «bruxo da garrafinha de aguardente», como era chamado, e que morava na Rua Dr. António de Passos. A fama deste vidente era tão grande que até para Espanha era chamado, para exorcizar espíritos que, sem autorização alguma, assentavam arraiais no corpo de qualquer mortal.

Conta-se, mesmo, que curou de paralisia, de que sofria havia já bastantes anos, uma velha senhora de Aiamonte, apenas pondo na sua frente umas gentis espanhólicas dançando as sevilhanas.

A idosa senhora, ao ver dançar, excitou-se, dando pequenos pulos na cadeira. A dada altura, levantou-se e quis começar a dançar.

Mas todas estas histórias mais ou menos tenebrosas e difíceis de digerir, passam com a chegada da Primavera e do Verão. O espírito algarvio, o espírito de beira-mar, a que o Inverno não tirou nada do seu optimismo, mostra-se em toda a sua plenitude.

Com a chegada do São João a vila anima-se. Pelas ruas, ranchos de rapazes e raparigas cantam alegres quadras, que vêm de geração em geração, fazendo pulsar o coração do povo.

São cantigas simples e desprentiosas, que enternecem e encantam pela sua singular rima.

As fogueiras, talvez restos de civilizações pagãs, iluminam as ruas com as suas chamas.

As crianças trazem da mata grandes braços de marcela, que, ao queimar, perfumam toda a rua.

Pouco a pouco, vão-se acendendo, aqui uma, além outra, mais além outra, e, passado pouco tempo, é olhar de longe para as ruas iluminadas e ter-se-á a sensação de que toda a vila está serpenteada por um colar de pérolas vermelho-rubras.

Em breve, chegam ranchos de rapazes e raparigas, dando as mãos em volta das fogueiras e começando a cantar a despique.

Cada fogueira tem a sua roda e cada roda tem a sua cantadeira e a sua toada de música.

E' a alma simples e cristã do povo, que vibra e começa a cantar:

«No altar de S. João Nascem flores amarelas; S. João subiu ao céu A pedir pelas donzelas».

E as quadras seguem-se, por entre o rodopiar dos pares:

«Não me atires com pedrinhas, Que estou a lavar a loiça Atira-me com beijinhos Que a minha mãe não oiça».

S. João, para ver as moças, Fes uma fonte de prata, As moças não vão a ela, S. João todo se mata.

E é um rosário de cantigas, que leva várias horas a desfilar:

«S. João era bom moço, Se não fosse tão velhaco, Levou três moças à fonte, Na volta trouxe quatro».

«Inda agora aqui cheguei Já me mandaram cantar, Meu amor m'está esperando, Não me posso demorar».

E a noite vai passando, perfumada a marcela e alecrim, calma e cheia de alegria.

Vida moça, sangue novo, que nos traz a felicidade de habitar uma das mais lindas vilas de Portugal.

A. de Mendonça

VENDE - SE

UMA GELEIRA

TIPO FRIGORÍFICO

INFORMA:

JANELAS VERDES

VILA REAL DE SANTO ANTONIO



MULHER ALGARVIA

gas canções de amor, para os seus castelos feitos de conchas e coral; e o mar bravo, que engoliu os companheiros do pai ou do avô. O tempo já fez esquecer a exactidão, mas a história e a dor são iguais Tudo é luto, e negra a saudade dos que o mar levou; o mar desvia sempre o prazer da conversa; agora é ódio, amor, luto, saudade, um amálgama de pensamentos que fazem rodopiar as mãos no amanho das redes.

O mar é para eles uma árvore que frutifica todos os dias; o mar é a sua vida e a sua desgraça. No entanto, amam-no, temem-no e odeiam-no, mas sempre com saudades dele.

E' desta gente, honesta e trabalhadora, que todo o nosso folclore sai, cantando as suas alegrias, as tristezas, as aspirações, os sonhos.

E' em casa, à noite, enquanto os maridos estão na taberna fazendo os relatos das pescarias,

doviária tenha um pouco de companhia pelos passageiros e ponha uma camioneta mais cómoda, pois o movimento de banhistas justifica uma camioneta maior.

Agradecemos a carta que nos foi enviada por «Dois Intrometidos oportunos». Dizem estes nossos estimados leitores que já foi encontrado o rapaz que não sabia trautear o «Rock».

Agradecemos o alvitre.

Os 2 Repórteres

lhe o mais impressionante medo e, quando falam nela, benzem-se, repetindo várias vezes «Cruzes...»

Mas não ficam por aqui as superstições na nossa vila, as quais, minuciosamente contadas, dariam para mais de um artigo.

As sextas-feiras são dias aziaços; não se empreendem viagens e as mulheres passam o dia rezando, se, por qualquer imprevisão, os seus maridos foram nesse dia para o mar.

Um bocado de ferradura, pendurado no batente da porta, traz sorte e prosperidades aos habitantes da casa.

Dá sempre azar pisar sal, derramar azeite ou ter penas em casa!

«Casa de pombo Casa de tombo».

Quando chove e faz sol, estão as bruxas a pentear-se. Não é bom cuspir no fogo, porque nos seca a saliva na boca.

No entanto, depois de tantas superstições, a mais linda de todas, e a mais poética, é quando na escuridão da noite, surge a Lua Nova. A maior parte dos habitantes da vila, desde o mais abastado ao mais humilde, mostra à lua uma moeda, de cobre ou prata, dizendo:

«Deus te salve, Lua Nova, Primeira vez que te vi, Assim Deus salve minha alma Como eu te saúdo a ti».

No que diz respeito a bruxas, a imaginação deixa de trabalhar, para dar lugar à realidade.

Havia, na nossa vila, grande